

O SR. ITAMAR FRANCO (MDB — MG) — Muito obrigado, nobre Senador Paulo Brossard, pela intervenção de V. Ex^a Mas, realmente, não pedi a minha renúncia a título de Presidente, porque não poderia fazê-lo a V. Ex^a; apenas pedi a minha substituição, nesta Comissão.

A intervenção de V. Ex^a define muito bem, através do Líder da nossa Bancada, a importância desta Comissão.

O Sr. Paulo Brossard (MDB — RS) — Se eu mal entendi, se me permite V. Ex^a, peço desculpas. E, agora, lhe dirijo entendendo o seu requerimento, publicamente, o indefiro. (Palmas.)

O SR. ITAMAR FRANCO (MDB — MG) — Muito obrigado a V. Ex^a

Mas, Sr. Presidente, Srs. Senadores, vou encerrar, dizendo que, como homem do interior, homem de uma cidade do interior das Minas Gerais, aprendi muito na minha vida pública e chego ao Senado Federal imbuído do mesmo idealismo, da mesma vontade de servir à nossa Pátria, cheio de amor ao nosso País, cheio de respeito aos Parlamentares que aqui estão, sejam eles da ARENA ou do MDB, mas levo, Sr. Presidente, e quero terminar, neste momento, dizendo que levo da minha vida pública a maior tristeza de ter recebido de um colega de Partido tal ofensa.

Muito obrigado, Sr. Presidente (Muito bem!)

O Sr. Dirceu Cardoso (MDB — ES) — Sr. Presidente, peço a palavra, para explicação pessoal.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — V. Ex^a permite um esclarecimento?

O Sr. Dirceu Cardoso (MDB — ES) — Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Srs. Senadores, embora não seja dos hábitos da Mesa se manifestar nessas oportunidades, o momento, como bem acentuou o eminente Líder Senador Paulo Brossard, é totalmente favorável a isto, quer pelo assunto, quer pelas pessoas aqui tratadas, quer, sobretudo, pelo serviço, pelo trabalho que vem sendo realizado e pelo interesse que desperta, pelo conceito que a Comissão conseguiu granjear no espírito público, que está realmente neste momento voltado para os trabalhos e as conclusões a que chegará a ilustre Comissão. Isso é de tal relevância que, realmente, na história do Senado do Império e da República, raramente uma Comissão tem realizado um serviço de tal monta, de tal repercussão e possivelmente de tais conseqüências quanto o que ora realiza a Comissão voltada para o problema nuclear brasileiro.

É também um fato singular este a que assistimos, neste momento, em que ambos os Partidos, e de uma maneira evidentemente notória todos os Srs. Senadores, se associam num ponto de vista comum para solicitar que um ilustre colega permaneça no posto que lhe foi conferido pelos seus companheiros de Comissão.

É realmente um fato que acredito singular na história do Senado Brasileiro, em todos os tempos. A ele, portanto, não poderia ser indiferente a Mesa, que, de algum modo, representa a Casa.

Quero, assim, juntar as minhas palavras, o meu apelo, diria, para que a Comissão Nuclear não sofra de qualquer modo nenhuma solução de continuidade nos seus trabalhos, o que poderia refletir na opinião pública nacional, tão interessada, hoje, nas conclusões a que estamos prestes a chegar e que poderia fazer com que essa Comissão e os seus trabalhos fossem não digo diminuídos, mas que sobre ela pairasse uma nuvem que seria inteiramente injusta e, sobretudo, inteiramente inconveniente para os interesses do Senado e para os interesses do País.

Nestas circunstâncias, acredito que, sejam quais forem os motivos de ordem pessoal que possam influir na atitude do nosso eminente colega, as razões aqui invocadas em nome do País, em nome dos interesses nacionais devem se sobrepor às suscetibilidades, às maneiras que S. Ex^a encare como o fato que lhe tenha levado à atitude que acaba de externar e que havia concretizado na carta dirigida ao seu eminente Líder.

Estou certo, assim, que, ponderando e sensível a essas considerações e a esses apelos que não são ditados pela amizade, pelo apreço, pela estima que temos a colega tão ilustre e tão distinto, mas que são, sobretudo, ditados pela convicção em que estamos todos nós de que é necessário, de que é mesmo imprescindível para o momento que atravessa o País e para as esperanças que são suscitadas pelo trabalho da Comissão Nuclear, S. Ex^a se conformará em retirar o pedido que dirigiu ao seu ilustre Líder.

É este o desejo, o apelo que lhe dirige a Mesa do Senado Federal.

Concedo a palavra ao nobre Senador Dirceu Cardoso.

O SR. DIRCEU CARDOSO (MDB — ES. Para explicação pessoal. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

Desgraçadamente, sinto-me o epicentro de um movimento sísmico registrado aqui, no Senado, e de tal maneira, Sr. Presidente, que em quatro anos e meio de mandato é a primeira vez que eu vejo *flashes* dos jornais dirigidos sobre mim, as câmaras incessantes batendo chapas, o que nunca fizeram antes sobre este velho Senador cansado, desiludido e já quase exausto.

Desgraçadamente, Sr. Presidente, eu fui parte deste ato, e fui, porque fui o segundo.

Se isso tivesse acontecido só comigo, comigo mesmo, com as minhas concepções e os meus princípios, eu teria ficado, Sr. Presidente, como uma página voltada no Livro da Vida. A folha é isso mesmo; ontem, verde, no galho; amanhã, amarela, no pó; "a vida é que importa, a vida es tu, folha morta". Sou como a folha que o vento leva, sou como aquilo que diz Ortega Y Gasset, "Sou eu e minhas circunstâncias"; e as minhas circunstâncias, Sr. Presidente, têm-me dado no corpo o gílvaz de tanta cicatriz que não posso rememorar-las na rapidez deste instante.

Ouvimos a palavra do Presidente da Comissão. Devo dizer, foi uma lição de humildade. Arrepiou-me. Eu, que esperava, Sr. Presidente, a expressão dura do combate, aqui ouvi, na afirmação de palavras tão pesadas e tão medidas, uma admoestação cristã, uma humildade cristã.

De fato, Sr. Presidente, a CPI, da qual fui apenas um elemento e não sou mais, vai receber, amanhã, as minhas pastas, os meus documentos, tudo que arrebanhei durante o seu funcionamento, porque nada neste mundo me faz voltar a ela.

Quero, agora, Sr. Presidente, colocando-me naquela extraordinária figura, guardadas as imensas proporções entre o sol e o vagalume que sou eu, dizer aquelas palavras de João Batista: "*Oportet me minui, sed illum crescere*". Não importa que eu me diminua; o que desejo é que ela, a Comissão, cresça.

Fui combativo, duro, áspero, porque lutava contra figuras as mais proeminentes e contra as quais tive que terçar armas na minha vida pública, mas cumpri minha missão até o fim. Sou um prefeitinho do interior, de uma terra angustiada, entre montanhas, de pouca gente, de amigos dedicados, mas um homem, Sr. Presidente, que sem um canivete no bolso tem enfrentado, na sua luta, o cano dos revólveres. Mas, aqui, hoje, a cena me comoveu, as palavras me sacudiram.

Agradeço a todos que se fizeram ouvir, inclusive o Sr. Presidente. E quero dirigir-lhe um apelo: que ele continue na Presidência, (palmas) que ele não se afaste. O Senado lhe deu esse mandato, que ele o leve até o fim, mantendo-se firme, para que o Senado não se negue a si mesmo e cumpra o seu dever.

Volto para a minha Bancada. Nada me faz voltar à CPI. Foi uma decisão orgânica, entranhada, sangüínea, humoral, de trézentos anos, Sr. Presidente, de trézentos anos de princípios. E eu não volto mais. Sou uma folha na corrente. Desço ao meu destino, humildemente, folha morta. Ontem, verde no galho; amanhã, amarela no pó. Mas desço, não volto mais.

Amanhã, a Comissão receberá as minhas pastas, os meus documentos. Pastas que li, reli, penetrei até altas horas da manhã; e muitos dias a orbalhada da madrugada me surpreendeu sobre elas,